



RELATÓRIO ECONÔMICO

• • • Outubro 2025

.Sincomavi

CARTA DE CONJUNTURA - Outubro 2025

Não foram muitas as mudanças de cenário conjuntural brasileiro nas últimas semanas, pelo menos em âmbito econômico. A projeção de crescimento em 2025 se manteve próxima dos 2,2% e a Selic nos parece ser seguro dizer que não deve iniciar uma trajetória de descenso neste ano. As únicas mudanças que nos chamam atenção, ainda que não sejam novidades, é a redução das estimativas inflacionárias, até puxada por um câmbio também menos pressionado.

Sobre a inflação, até vimos em setembro o IPCA rondando 0,5% depois de uma pontual deflação em agosto. Ainda assim, era uma aceleração esperada e muito por conta do “efeito rebote” do Bônus de Itaipu, que creditou valores nas contas de energia elétrica residencial no oitavo mês do ano e que em setembro não se repetiria. Por outro lado, chama-nos atenção para a quarta deflação seguida dos alimentos, com preços puxados para baixo pela alimentação dentro do domicílio, o que é sempre relevante, especialmente às famílias de mais baixa renda. E a tendência semana a semana é que tenhamos um IPCA no fim de ano mais próximo dos 4,5% do que de 5%.

Além da atual política monetária restritiva, que impacta a atividade econômica e reduz a pressão dos preços pela ótica da demanda, também há a influência positiva com o câmbio menos desvalorizado. O dólar mais fraco, também devido a diferença entre os juros brasileiros e americanos, sem contar o cenário geopolítico de menor tensão, barateira bens e serviços importados, o que sempre é bom para a atividade econômica interna.

Em resumo, a atividade econômica se mantém resiliente, tendo como pilar o mercado de trabalho aquecido, mesmo com que ele esteja com visível ritmo mais fraco de expansão, o que seria natural em algum momento. Todavia, tem sido visível a tendência arrefecimento do nosso PIB, sobretudo de 2026, até pelo alongado período de juros elevados (e que assim deve se manter). Esse cenário exige um foco maior em duas iniciativas fundamentais, tanto para consumidores quanto para empresários: otimização dos gastos atuais e aprimoramento do planejamento para ações futuras. Embora o contexto não represente um assombro, também está longe de ser uma maravilha.

ESTIMATIVAS PARA A ECONOMIA BRASILEIRA NO FECHAMENTO DE 2025:

- PIB: 2,2%
- Inflação (IPCA/IBGE): 4,7%
- Taxa SELIC: 15,00% a.a.
- Taxa de Câmbio: 5,45
- Balança comercial (em US\$): + 65 bi
- Taxa de desocupação ao fim do ano (PNADc/IBGE): 6,2%
- Volume de vendas do comércio ampliado BR (PMC IBGE/12 meses): +1,7%
- Volume de serviços BR (PMS IBGE/12 meses): +3,0%

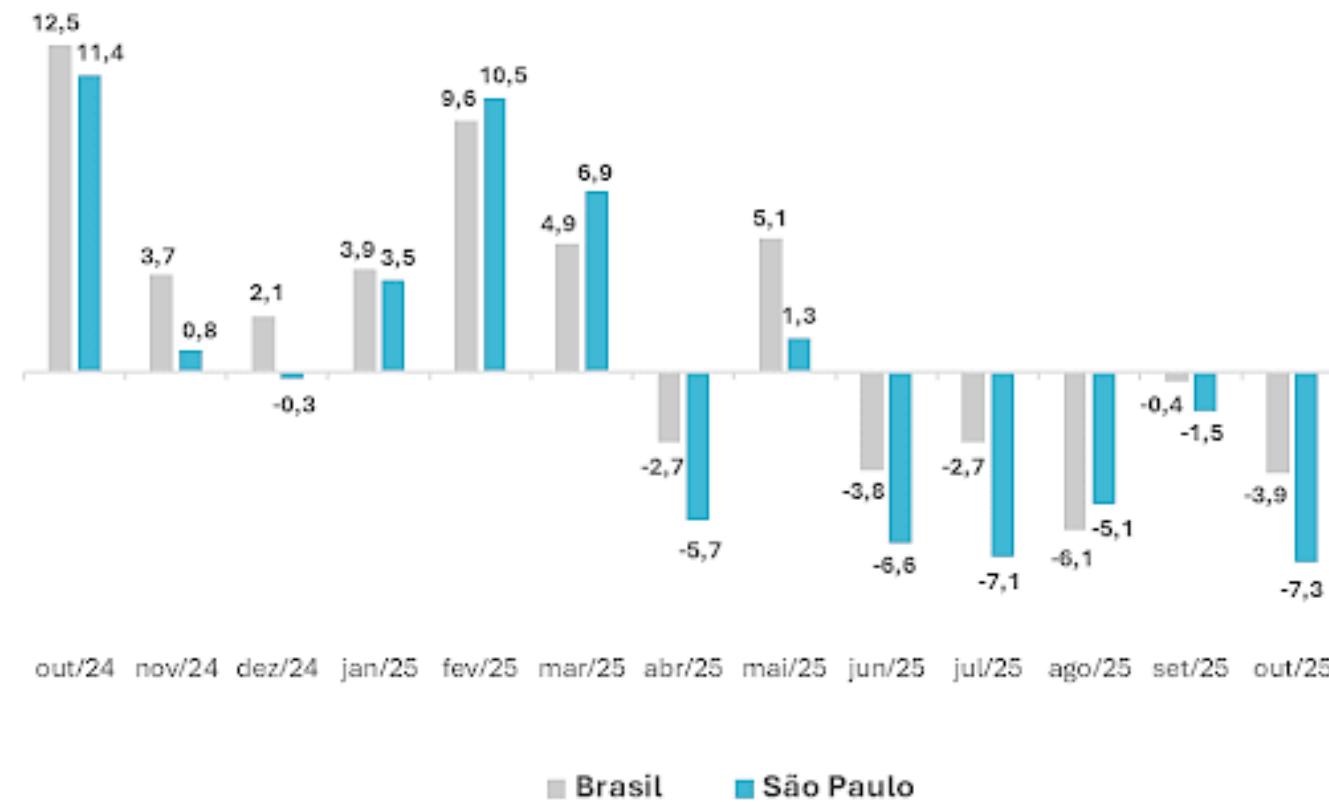


JAIME VASCONCELLOS

PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO - IBGE

Dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revelam que o volume de vendas do comércio de material de construção do Estado de São Paulo contou em outubro com retração de 7,3% em relação ao mesmo mês de 2024. Essa foi a quinta queda seguida do indicador na comparação anual, uma trajetória que também ocorreu em âmbito nacional. A diferença ficou na magnitude, dado que no caso do Brasil, o setor recuou em novembro 3,9%, quase metade da retração paulista.

Evolução mensal do índice de volume de vendas do comércio de material de construção Mês contra mesmo mês do ano anterior



No acumulado de 2025, considerando o período de janeiro a outubro, é possível verificar que no Estado de São Paulo houve um recuo de 1,5% no desempenho do comércio de material de construção. Já em 12 meses, pela primeira vez desde os doze meses encerrados em junho de 2024, ocorreu também um resultado negativo no estado. Mais precisamente uma queda de 1,2%. No país, apenas como efeito de comparação, ainda há um avanço tímido de 0,6% neste último indicador, ainda que mês a mês tal ritmo venha diminuindo.

Evolução do índice de volume de vendas do comércio de material de construção do Estado de São Paulo – Taxa acumulada de 12 meses



PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO - IBGE

O economista Jaime Vasconcellos explica que a retração de vendas no varejo de material de construção do Estado de São Paulo em outubro é consonante com a trajetória negativa do setor em todo este segundo semestre do ano. "Por um lado, temos os efeitos de uma comparação contra uma base forte, que foi a segunda metade do ano passado", ressalta. E continua: "No entanto, não se pode negar o cenário conjuntural de juros e endividamento/inadimplência familiar elevados, que têm minado a demanda no setor e que, infelizmente, fez com que sentissemos em 2025 semestres bastante dicotômicos". Em sua opinião, a tendência não é de melhora imediata, o que impõe aos empresários do setor ainda mais planejamento para o ano que vem.

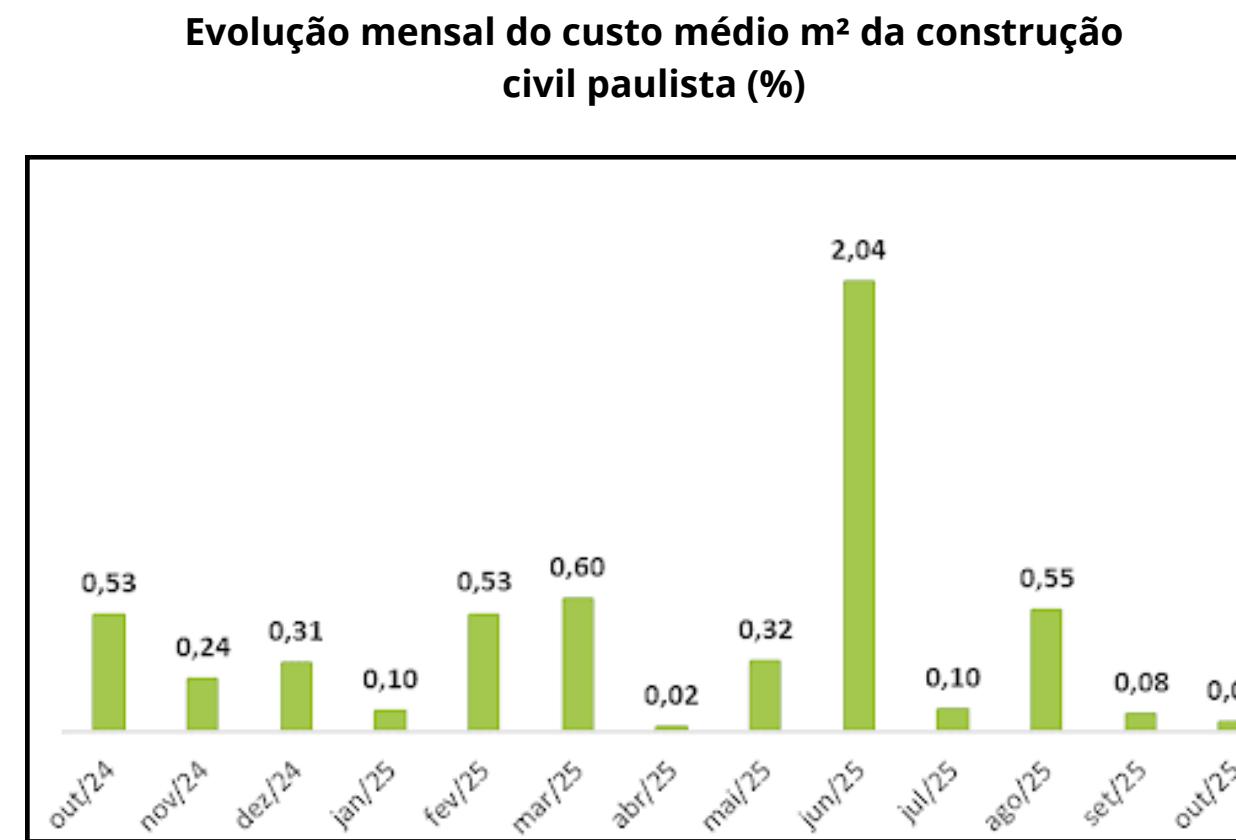
OBS: O Volume de Vendas observado pela PMC resulta da deflação dos valores nominais correntes da receita bruta de revenda por índices de preços específicos para cada grupo de atividade, e para cada Unidade da Federação, construídos a partir dos relativos de preços do IPCA e do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil – SINAPI. A pesquisa também avalia apenas empresas com 20 ocupados ou mais.



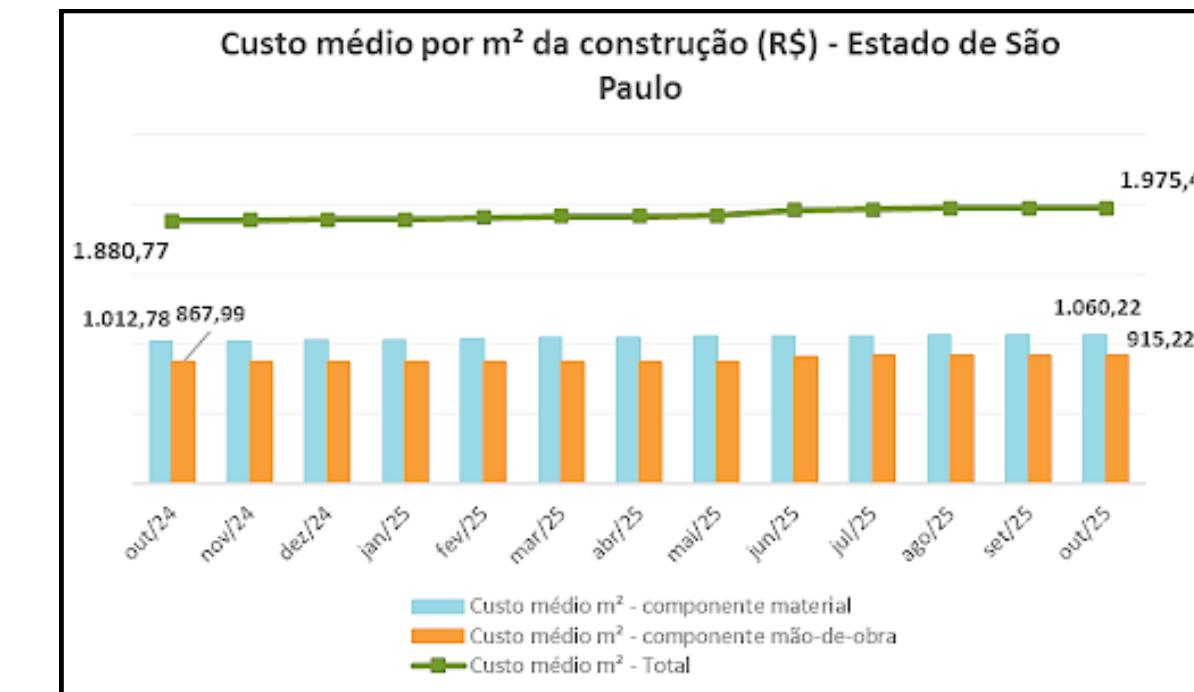
INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

O Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (Sinapi/IBGE) de outubro mostrou que no Estado de São Paulo o custo do metro quadrado da construção civil variou apenas 0,04%, o menor índice mensal desde abril (0,02%) e abaixo do registrado em outubro do ano passado (0,53%).



Em valores, o metro quadrado da construção teve um aumento de R\$1.974,58 para R\$1.975,44, isto é, uma variação de apenas R\$0,86. Foi possível observar também, comparando outubro contra setembro, que o gasto médio com material de construção passou a ser de R\$1.060,22 (+R\$1,35 ou inflação mensal de 0,13%), enquanto o custo com a mão de obra de R\$915,22 (-R\$0,49 ou deflação mensal de 0,05%). No ano, a variação média total da obra na economia paulista ficou em exatos 4,45% (ou R\$84,24) e, em 12 meses, 5,03% (ou R\$94,67).



O custo do m² da obra no Estado de São Paulo manteve-se o oitavo maior dentre as Unidades da Federação. A liderança continua com o Acre, com R\$2.127,94, e o menor patamar com Sergipe, com R\$1.668,42. A média brasileira alcançou os R\$1.877,29 em outubro — um aumento de 0,27% em relação a setembro.

Posição e UF	Custo total médio do m ² (R\$)
1º Acre	2.127,94
2º Santa Catarina	2.119,45
3º Rondônia	2.081,87
4º Rio de Janeiro	2.064,59
5º Roraima	2.037,95
6º Paraná	2.033,15
7º Mato Grosso	1.988,19
8º São Paulo	1.975,44
9º Tocantins	1.931,05
10º Distrito Federal	1.924,24
11º Amapá	1.909,61
12º Pará	1.909,38

INDICADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

SINAPI/IBGE

O economista Jaime Vasconcellos comenta que, assim como visto em setembro e basicamente da mesma forma apresentada pelos indicadores gerais de inflação aos consumidores em outubro, IPCA e INPC, os custos da construção civil paulista mostraram quase uma estabilidade de preços. “Os materiais de construção subiram, em média, timidamente. Já o custo médio com mão de obra se reduziu, mas da mesma forma bastante residual”, ressalta.

Em sua análise, Jaime observa que, em geral, o que se vê no último bimestre é uma menor pressão inflacionária, seja proveniente da oferta ou da demanda. “A primeira tem tido pouca variação inclusive de insumos importados, devido ao câmbio mais desvalorizado que o esperado, e em geral com os poucos picos de alta bem localizados”. Ele lembra ainda que já a segunda, demanda interna, devido ao cenário de juros altos, sente o impacto do custo elevado e seletivo do crédito no ambiente doméstico. “Em resumo, sem choques de oferta e com consumo mais arrefecidos, os preços realmente tendem a não sofrer tantas oscilações”, avalia.

Para informações econômicas atualizadas, acesse:
www.sincomavi.org.br



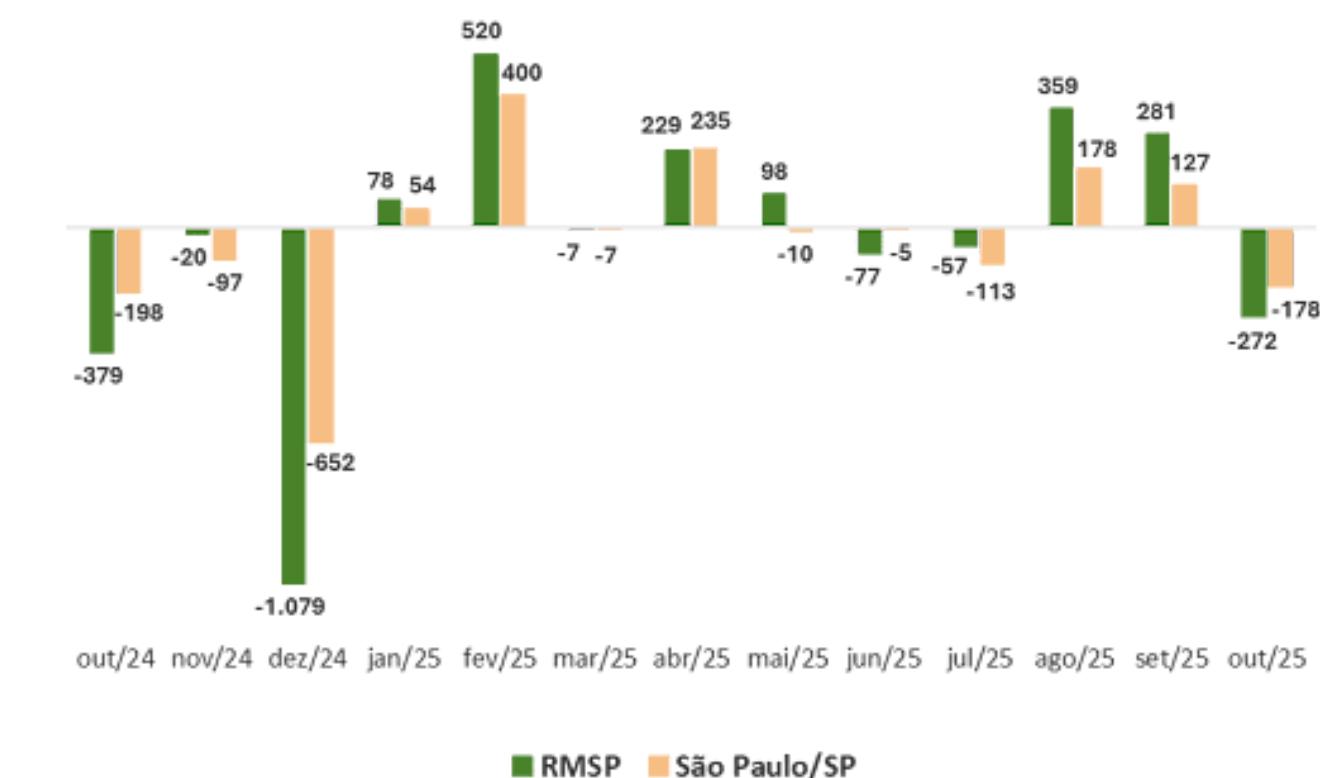


MERCADO DE TRABALHO

CAGED

O mercado de trabalho do comércio de material de construção da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) registrou um recuo de 272 empregos com carteira assinada em outubro, segundo o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged). Foram verificadas no período 3.606 admissões contra 3.878 desligamentos, em um total de 96,9 mil empregos ativos. Somente na cidade de São Paulo ocorreu uma perda de 178 vagas, representando 65% do saldo negativo da RMSP.

Evolução do saldo de empregos do varejo de materiais de construção – RMSP e São Paulo/SP

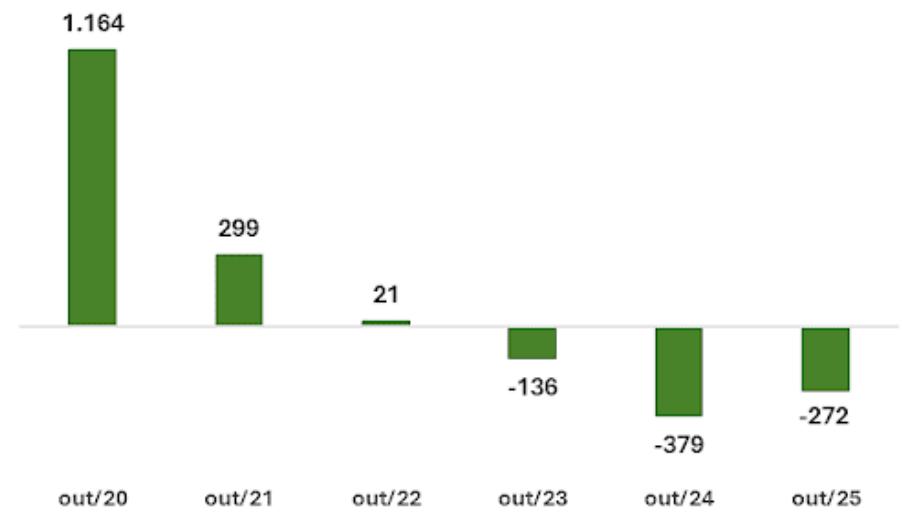


É importante citar que nos três últimos anos, o saldo de empregos apresentou-se negativo nos meses de outubro, porém, a queda de 2025 foi 28% menos aguda que a retração de 379 vagas no mesmo mês do ano passado.

MERCADO DE TRABALHO

CAGED

Evolução do saldo de empregos do varejo de materiais de construção na RMSP – Meses de setembro



Dentre os grupos de atividades analisados mais profundamente, é possível constatar que em outubro o segmento que puxou para baixo o resultado geral avaliado foi o comércio varejista de material de construção em geral, que na RMSP perdeu sozinho 274 postos de trabalho com carteira assinada.

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - outubro de 2025				
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	59	47	12	1.044
Ferragens e Ferramentas	682	618	64	16.669
Madeira e Artefatos	256	265	-9	7.289
Materiais de Construção em Geral	1.742	2.016	-274	49.618
Materiais Hidráulicos	82	87	-5	2.276
Pedras para Revestimento	89	79	10	1.931
Material Elétrico	313	311	2	8.453
Tintas e Materiais para Pintura	165	217	-52	4.750
Vidros	218	238	-20	4.875
Total	3.606	3.878	-272	96.905

Fonte: Novo Caged
Elaboração e cálculos: Sincomavi

Já no acumulado de janeiro a outubro, a criação de 1.158 empregos teve como destaques os estabelecimentos de ferragens e ferramentas (+351 vagas), de materiais elétricos (+290 vagas) e de tintas e materiais para pintura (+180 vagas). Apenas o segmento de cal, areia, pedra, tijolos e telhas apresentar mais desligamentos que admissões em 2025, com 4 vagas perdidas.

Movimentação e estoque de empregos celetistas - RMSP - 2025*				
Comércio Varejista	Admitidos	Desligados	Saldo	Estoque
Cal, Areia, Pedra Britada, Tijolos e Telhas	434	438	-4	1.044
Ferragens e Ferramentas	6.744	6.393	351	16.669
Madeira e Artefatos	2.801	2.679	122	7.289
Materiais de Construção em Geral	19.170	19.165	5	49.618
Materiais Hidráulicos	861	774	87	2.276
Pedras para Revestimento	879	822	57	1.931
Material Elétrico	3.329	3.039	290	8.453
Tintas e Materiais para Pintura	2.137	1.957	180	4.750
Vidros	2.336	2.266	70	4.875
Total	38.691	37.533	1.158	96.905

Fonte: Novo Caged
Elaboração e cálculos: Sincomavi
*Até outubro

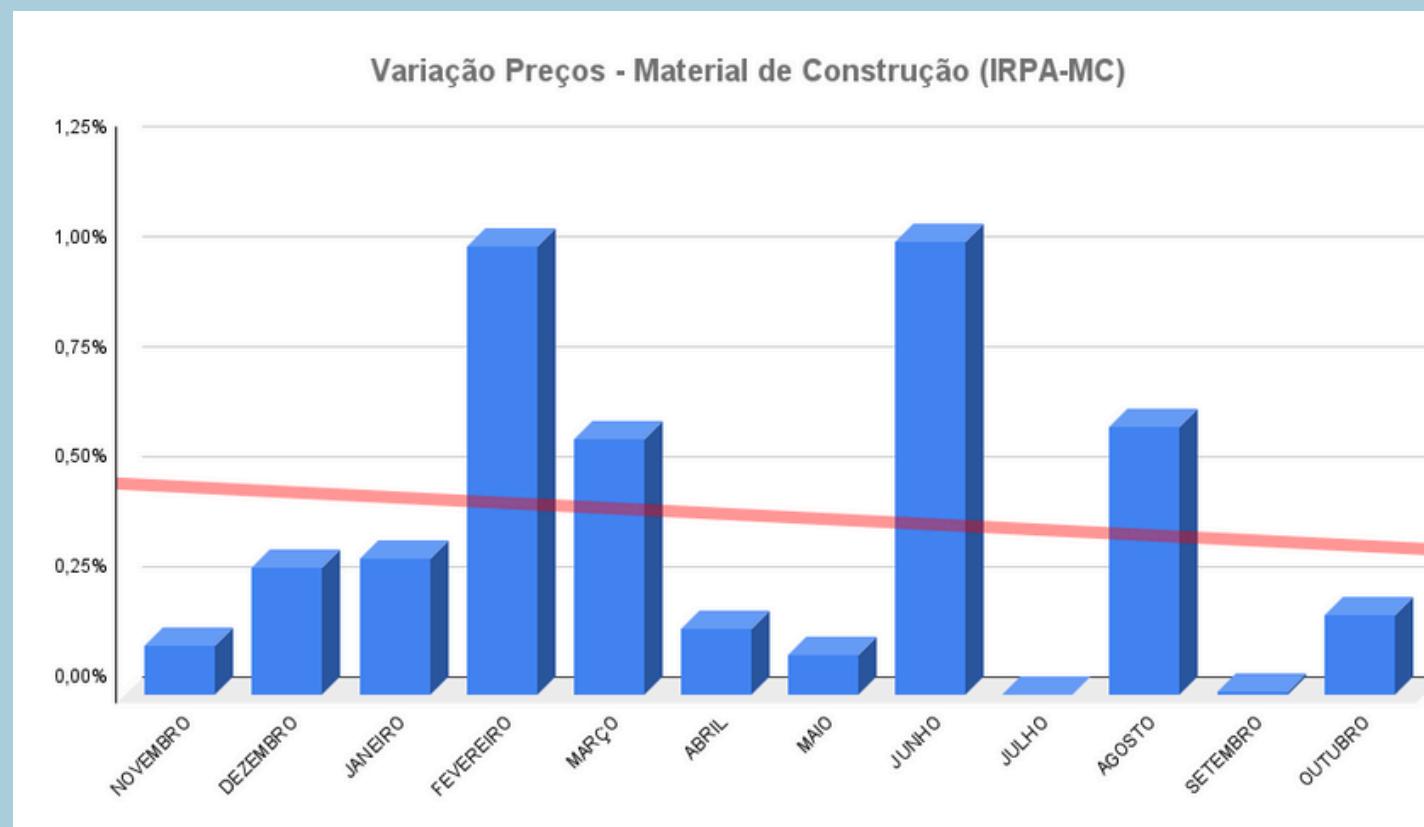
O economista Jaime Vasconcellos ressalta que já era esperado tal cenário. “Em outubro certamente veríamos o comércio varejista da Grande São Paulo demitindo mais trabalhadores do que admitindo, o que realmente ocorreu”. Essa hipótese já tinha sido levantada até pela conhecida sazonalidade do fim do ano, na qual boa parte da demanda direciona renda para outros produtos e serviços, causando a necessidade de ajustes de equipes nas empresas do segmento. “Mais que a confirmação dessa sazonalidade negativa, chama-nos atenção que o saldo de vagas não foi de uma perda tão aguda como a vista ano passado, o que pode sinalizar um possível pessimismo não tão elevado dos empregadores do setor”, supõe. Mas adverte: “novos números negativos devem ser mostrados nos meses que restam em 2025 e mesmo que o saldo total do ano fique no positivo, ainda assim será por volta de metade do visto no ano passado, demonstrando o impacto da conjuntura desacelerada do consumo das famílias e, consequentemente, da própria economia, em geral”.

INDICADORES SETORIAIS

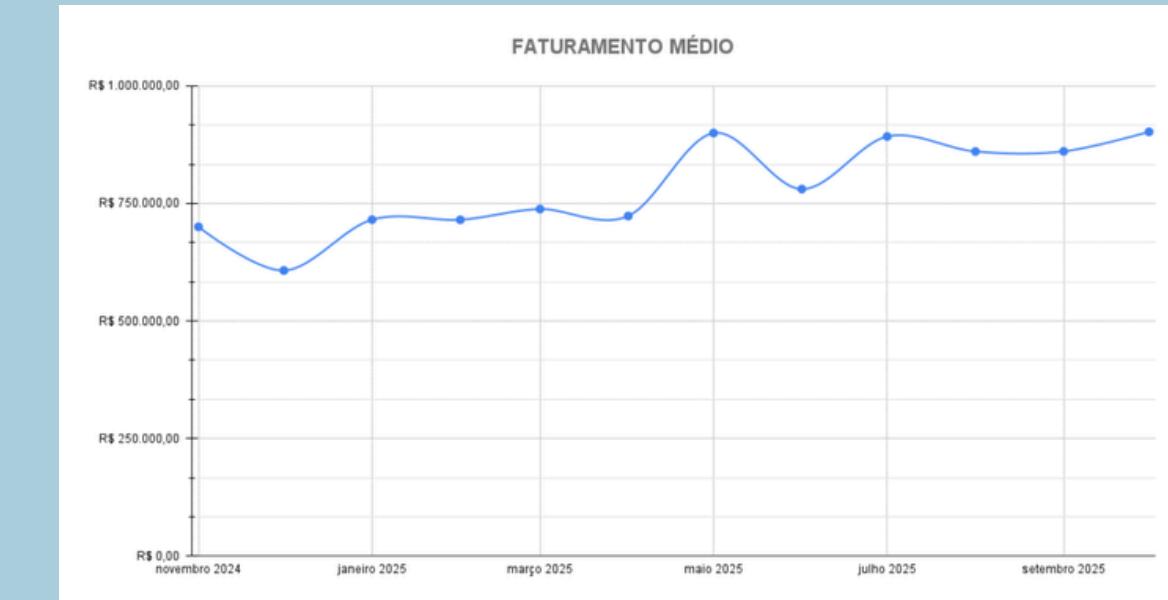
IRPA-MC

Depois da estabilidade apresentada em setembro, quando contou com uma elevação de apenas 0,0061%, o Índice Azure de Reajuste de Preços de Venda – Material de Construção (IRPA-MC) sofreu uma elevação de 0,18% em outubro. No mesmo mês do ano passado, o aumento se mostrou bastante superior: 0,93%.

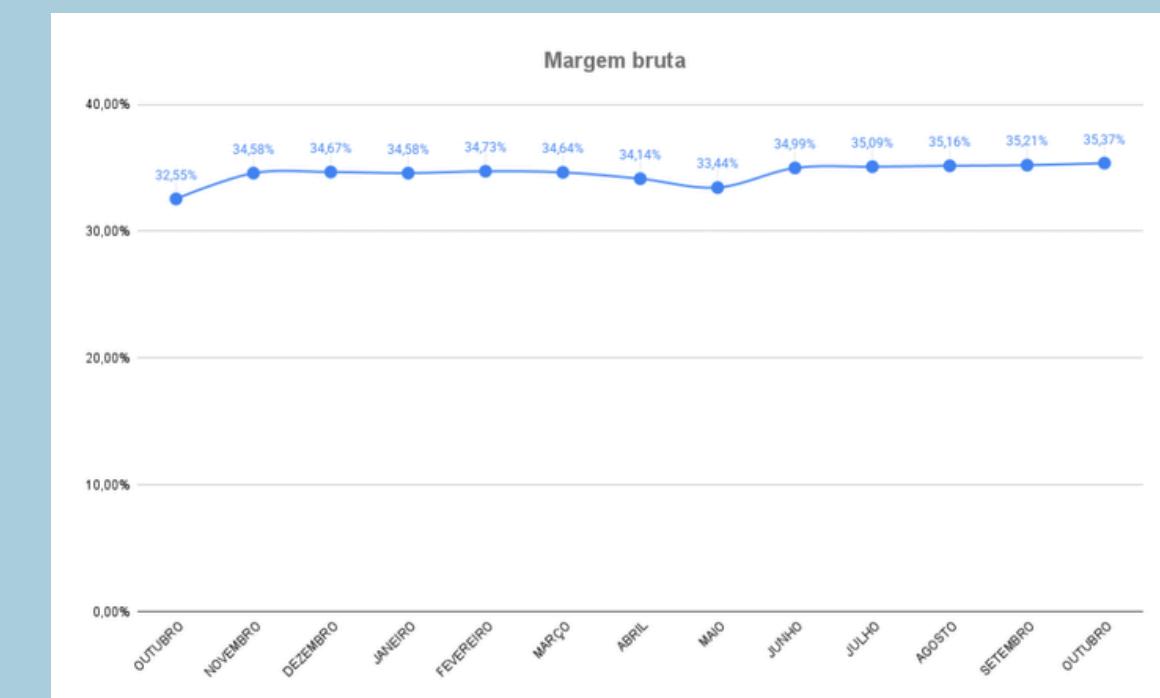
Com o resultado de outubro, o acumulado do ano chega aos 4,02% e, nos últimos doze meses, aos 4,43%, o que comprova a desaceleração nos preços do segmento.



O faturamento médio voltou a se recuperar no período analisado e ficou em R\$ 902.429,00 – o maior patamar já registrado pelo estudo realizado pelo Sincomavi a partir de dados coletados pela [Azure Sistemas](#).



O desempenho do faturamento pode ser atribuído, ainda que parcialmente, ao comportamento da margem bruta, que superou o nível histórico do levantamento ao alcançar em outubro os 35,37%. Apenas como referência, este indicador obteve a média de 34,11% em 2024 e fechou no mesmo mês do ano passado em 32,55%.

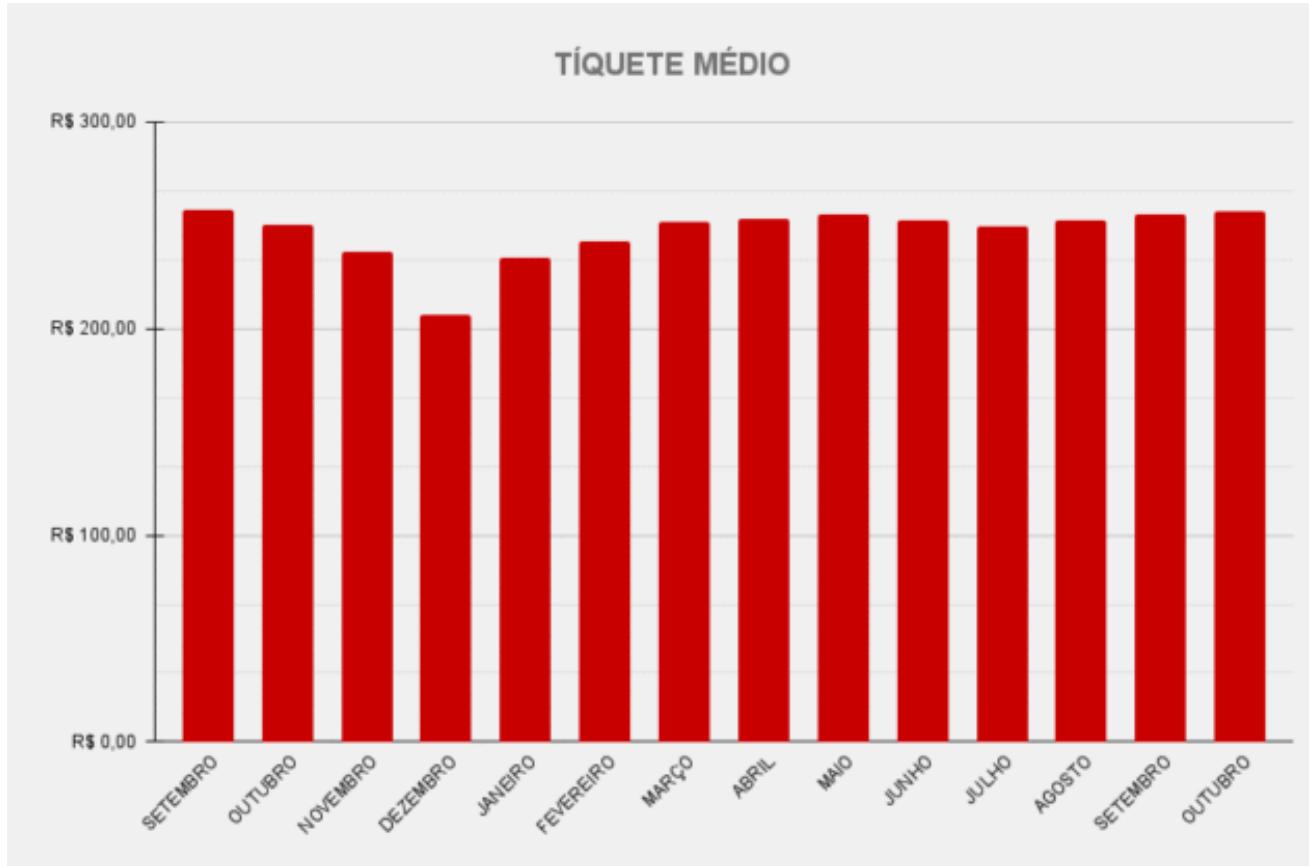


INDICADORES SETORIAIS

IRPA-MC

Já o tíquete médio contou com uma pequena variação positiva ao passar de R\$255,26, em setembro, para R\$256,57, em outubro. Apesar da diferença ser de apenas R\$1,31, o valor alcançado é o segundo mais alto registrado pelo estudo, perdendo somente para setembro de 2024, com R\$257,35.

Os itens do setor monitorados pelo IBGE para o cálculo do IPCA dentro das categorias “Reparos”, “Eletroeletrônicos”, entre outros, sofreram as seguintes variações em outubro de 2025.



PRODUTO	VARIAÇÃO
Ferragens	0,51%
Material de eletricidade	-0,26%
Vidros	1,32%
Tintas	0,13%
Ferramentas	nd
Revestimento de piso e parede	-0,27%
Madeira e taco	1,20%
Cimento	1,84%
Tijolo	0,85%
Material hidráulico	-0,49%
Areia	-0,70%
Pedras	-2,37%
Telha	0,54%
Chuveiro elétrico	0,58%
Ar-condicionado	-0,41%
Computador pessoal	-0,67%
Ventilador	-0,67%
Eletrodomésticos e equipamentos	-0,59%
Aparelhos eletroeletrônicos	-0,86%
Bicicleta	-0,09%



**SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO, MAQUINISMOS, FERRAGENS,
TINTAS, LOUÇAS E VIDROS DA GRANDE SÃO PAULO
RUA BOA VISTA, 356 - CENTRO - SÃO PAULO - CAPITAL
TELEFONE (11) 3488-8200 | SINCOMAVI@SINCOMAVI.ORG.BR**